

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID 13. 14.

CARTA ENCYCLICA

DO

NOSSO SANTISSIMO PADRE

LEÃO XIII, PAPA

PELA DIVINA PROVIDENCIA

(Concluzão)

TAES são, na verdade, as regras prescriptas pela Igreja Catholica relativamente à constituição e governo dos Estados. Estes principios e estes decretos, se se quizer ajuizar d'elles com rectidão, não reprovam em si nenhuma das formas de governo, desde que essas formas nada contenham que repugne á doutrina catholica, e quando, sendo empregadas com sabedoria e justiça possam garantir todas as prosperidades publicas. Muito menos reprovam em si que o povo tenha maior ou menor parte no governo; isto mesmo, em certos tempos e sob certas leis, pôde vir a ser não só util mas um dever para os cidadãos.

Demais, nenhum motivo justo ha de accusar a Igreja de ser a inimiga quer de uma justa tolerancia, quer de uma pura e legitima liberdade. Effectivamente, se a Igreja proclama que não é permitido collocar os diferentes cultos em egual condição juridica com a verdadeira religião, não condemna por isso os chefes do Estado, que por quaesquer motivos justos ou de conseguir o bem ou de evitar o mal, toleram praticamente que existam diversos cultos no Estado. E', além d'isso costume da Igreja vigiar com todo o cuidado, que ninguem seja obrigado a abraçar a fé catholica, contra a sua vontade, porque como observa sabiamente S. Agostinho, *o homem não pôde crer senão o que é de sua espontanea vontade.* (1)

Pela mesma razão, a Igreja não pôde approvar uma liberdade que conduz o homem a afastar se das santas leis de Deus e da obediencia devida á auctoridade legitima. Isto

seria antes licença que liberdade, e S. Agostinho chama-lhe com justissima razão, *liberdade de perdição* (1) e o Apostolo S. Pedro, *um réo de malicia.* (2) Ainda mais, esta pretendida liberdade, sendo opposta á razão, é verdadeiramente escrava. *O que commette peccado, é o escravo do peccado.* (3) Pelo contrario, a genuina liberdade, a que é para desejar na ordem individual, não deixa o homem escravo nem de erros nem de paixões, que são os seus peiores tyrannos: na ordem publica traça regras sabias aos cidadãos, facilita largamente os meios de augmentar o seu bem estar e preserva de qualquer prepotencia o Estado. Esta liberdade honesta e digna do homem, é a primeira a approval a Igreja, e

para garantir aos povos a sua firme e integral posse não deixou nunca de envidar os seus esforços e cuidados. E na verdade, é um facto consignado na historia, que tudo que pôde haver de salutar para o bem geral do Estado, tudo o que é util para proteger o povo contra a licença dos principes, que não providenciavam ao seu bem estar, tudo o que impede a ingerencia individual do Estado nas acções proprias do municipio e da familia, tudo o que interessa á honra, á personalidade humana e salvaguarda eguaes direitos de cada um, em tudo isto a Igreja Catholica tem sempre tomado a iniciativa, patrocinado e protegido, como o attestam os monumentos dos tempos passados. Ella, portanto, sempre coherente consigo propria, se por um lado repelle uma liberdade immoderada que para os individuos e para os povos degenera em licença ou em escravidão,

pelo outro, abraça de coração jubiloso os progressos que todos os dias se fazem e contribuem verdadeiramente para a prosperidade d'esta vida, que é como o trajecto para a vida futura, eternamente duravel. Assim, pois, dizer que a Igreja vê com maus olhos as formas as mais modernas dos systemas politicos, e repelle indistinctamente todas as descobertas do genio contemporaneo, é uma vã e injusta calumnia. Certamente, ella repudia as loucas opiniões, reprova as perniciosas tendencias para as revoluções, e especialmente todas estas pre-



S. CARLOS BORROMEU

(1) Tract. XXVI in Joan., n. 2.

(2) Epist. CX, ad Donatistas, c. 11, n. 9.

(3) 1. Pet. 11, 16.

(3) Joan. VIII, 34.

disposições dos espiritos para a indiferença, que são o principio de uma verdadeira apostasia; mas como tudo o que é verdadeiro, não pôde derivar senão de Deus, em tudo o que as investigações do espirito humano descobrem de verdade, a Igreja o reconhece como raio da mente divina; e assim como não pôde existir verdade alguma natural que contradiga as verdades divinamente reveladas, e muitas ha que as confirmam, e podendo a descoberta de qualquer verdade servir para melhor fazer conhecer e louvar a Deus, assim a Igreja acolherá sempre com jubilo e da melhor vontade tudo o que contribuir para alargar a esphera das sciencias; é isto que ella tem sempre feito por ellas, protegendo e promovendo as que têm por objecto o estudo da natureza. Com este genero de estudos não se opporá a descoberta alguma do espirito; não lhe repugna a ella que muitas mais se façam para prazer e commodidade da vida: pelo contrario, inimiga da inercia e da preguiça, quer que o genio do homem fructifique copiosamente, mercê do exercicio e da cultura. Ella tem estimulos para toda a especie de artes e industrias, e santificando com a sua virtude todas estas descobertas, faz quanto possível para que a intelligencia e a industria do homem não perca de vista Deus e os bens celestes.

Este modo de proceder, portanto, tão racional e tão justo não agrada n'estes tempos, em que os Estados não só se recusam a conformar-se com os principios da philosophia christã, mas pareço quererem afastar se todos os dias cada vez mais d'ella. Todavia, sendo proprio da luz raiar ella propria ao longe, e allumiar pouco a pouco o espirito dos homens, penetrados do sentimento do Nosso Excelso e Augusto Ministerio, isto é, do Apostolado que exercemos no mundo, proclamamos livremente, como é Nosso dever, a verdade: não porque nos seja desconhecida a indole dos tempos que vão correndo, ou que Nós entendamos dever repudiar os honestos e uteis progressos do nosso tempo, mas porque queremos vêr os negocios publicos seguir raminhos menos perigosos e serem constituídos sobre mais solidos fundamentos, e isto deixando intacta a liberdade legitima dos povos, essa liberdade cuja fonte e a melhor salvaguarda é entre os homens a verdade: *a veritate vos liberati*. (1)

Se, pois, n'estas conjuncturas dificeis, os catholicos Nos escutam, como é do seu dever, saberão exactamente quaes são os deveres de cada um tanto na ordem das ideias como na ordem dos factos. Primeiro, enquanto às ideias é necessario convencer-nos profundamente de tudo que os Pontifices Romanos ensinaram e ensinarão, e observando, e todas as vezes que as circumstancias o exigirem fazer profissão publica d'isso. Especialmente, pelo que respeita ás *liberdades modernas*, como se costuma dizer, todos se devem submeter ao juizo da Sé Apostolica e conformar se com as suas decisões. É necessario acutelarmo nos, e não nos deixarmos illudir com a honestidade apparente d'estas liberdades, vemos de que fontes dimanam e com que espirito se propagam e se sustentam.

A experiencia já fez sufficientemente conhecer os resultados que d'ellas se tiram para a sociedade, e quaes os fructos, de que os homens honestos e sabios se lastimam. Se existe realmente em qualquer logar, ou se se imagina um Estado que persiga affrontosa e tyrannicamente o nome christão, e se confronte com os modernos systemas de que fallamos, estes ultimos poderão parecer mais toleraveis. Todavia, os principios sobre que se baseiam, são taes que, como dissemos, são altamente reprovaveis.

Na pratica a acção pôde exercer-se quer nos negocios particulares, e domesticos, quer nos negocios publicos. Na ordem individual, o primeiro dever de cada um é confor-

mar exactissimamente a sua vida e os seus costumes com os preceitos do Evangelho, e não recuar perante qualquer sacrificio, quando a virtude christã assim o exija. Todos devem, além d'isso, amar a Igreja como sua mãe commum, obedecer ás suas leis, defender a sua honra, salvaguardar os seus direitos e procurar fazel-a respeitar e amar com amor filial por aquelles que exercem qualquer auctoridade.

Importa ainda a salvação publica, que os catholicos prestem sabiamente o seu concurso á administração dos negocios municipaes, e tratem sobretudo de conseguir que a auctoridade publica providencie á educação religiosa e moral da mocidade, como convém aos christãos: d'ahi depende especialmente a salvação da sociedade.

Será igualmente util e louvavel que os catholicos geralmente estendam a sua acção além dos limites d'este campo restrictissimo, e desempenhem os encargos do Estado. *Geralmente*, dissemos Nós, porque as nossas prescripções dirigem-se a todas as Nações. De resto, pôde succeder que em qualquer logar, por gravissimas e justissimas razões, não seja de forma alguma conveniente tomar parte nos negocios publicos e exercer as funções publicas. Geralmente, porem, como dissemos, a abstenção total da vida publica não seria menos reprehensivel que a recusa de qualquer concurso para o bem commum: tanto mais que os catholicos, em virtude da propria doutrina que professam, são obrigados a exercer este dever com toda a integridade e zelo. De contrario, ficando inertes, passariam as redes do governo incontestavelmente para individuos, cujas opiniões não offerecem de certo garantias de salvação para o Estado.

Isto seria, além d'isso, prejudicial aos interesses christãos, porque os inimigos da Igreja exerceriam todo o poder e os seus defensores nenhum. É, pois, evidente que os catholicos tem justos motivos para tomarem parte nos negocios publicos, com tanto que o não façam, nem o devem fazer, para sancionar o que ha de reprehensivel nos systemas vigentes, mas para tirar d'elles, quanto possível, o genuino e verdadeiro bem publico, e com o fim de inocular em todas as veias do corpo social, como seiva e sangue vivificador, a virtude e a influencia da religião catholica. Foi isto o que aconteceu nos primeiros seculos da Igreja. Nada ha mais afastado das maximas e costumes do Evangelho, que as maximas e costumes dos pagãos: vêem-se, entretanto, os christãos incorruptiveis em plena superstição, e sempre eguaes a elles proprios, penetrar corajosamente em toda a parte onde podiam. De uma fidelidade exemplar para com os principes, e de uma obediencia ás leis do Estado quanto lhi o permittia a sua consciencia, diffundiam por toda a parte uma maravilhosa luz de santidade: esforçavam se por serem uteis a seus irmãos e fazer proselytos, dispostos, entretanto, a retirarem-se e a morrer corajosamente, se não podessem conseguir, sem comprometter a consciencia, a conservação das honras, a magistratura e os postos militares. Por esta forma introduziam rapidamente as instituições christãs não só na familia, mas tambem na milicia, no senado e até no palacio imperial. «Somos de hontem, e já occupamos tudo que vos pertence, cidades, ilhas, fortalezas, municipios, conciliabulos, os proprios campos, tribus, decurias, palacios, senado e o fóro.» (1)

Assim, quando foi permittido professar publicamente o Evangelho, a fé christã appareceu n'um grande numero de cidades, não como uma creança no berço, mas adulta e já bastante cheia de vigor.

N'estes tempos em que vivemos, e nas actuaes circumstancias cumpre que renovemos estes exemplos de nossos maiores. Antes de tudo, é necessario que todos os catholicos dignos d'este nome, se resolvam a ser e a mos-

(1) Joan. VIII, 32.

(1) Tertull. Apo-l. n. 37.

trar-se filhos muito dedicados da Igreja; é necessario que repillam sem hesitar tudo quanto seja incompativel com esta profissão, que se sirvam das instituições publicas, tanto quanto o poderem fazer honestamente, em proveito da verdade e da justiça; que trabalhem para que a liberdade não ultrapasse os limites marcados pela lei natural e divina; que tomem a peito reduzir toda a constituição publica a esta fórmula christã que propozerem para modelo. — Não é facil determinar o modo pratico de realizar em absoluto esta norma de proceder, attendendo se que deve variar segundo a variedade de logares e de circumstancias. Não obstante, é necessario primeiro que tudo, conservar o accordo das vontades e promover a unidade de acção. Certamente que se obterá plenamente este resultado duplo, se cada um tomar para regra de sua conducta as prescripções da Sã Apostolica, e a obediência aos Bispos que o *Espirito Santo constituiu para governarem a Igreja de Deus.* (1)

A defeza do nome catholico reclama, absolutamente, que o assentimento ás doutrinas ensinadas pela Igreja, seja da parte de todos unanime e constante, e d'esta forma necessario é que todos se acutellem, para que de modo algum se tornem conniventes com as falsas opiniões, e se combatam com menos energia do que supporta a verdade. Enquanto ás coisas que se podem debater livremente, será permittido discutir com moderação e com o fim de investigar a verdade, pondo recatado de parte as suspeitas injustas e as accusações reciprocas. Para isto, e afim de que a união dos espiritos não seja destruida por temerarias accusações, eis o que todos devem admitir: a profissão integra da fé catholica absolutamente incompativel com as opiniões que se approximam do *racionalismo* e do *naturalismo*, e cujo fim capital é derruir radicalmente as instituições christãs e estabelecer na sociedade a autoridade do homem em lugar da de Deus.

Do mesmo modo, não é permittido ter uma norma de conducta para a vida particular e outra para a vida publica, de forma a respeitar a auctoridade da Igreja na sua vida privada, e a desdenhal-a na vida publica; isso seria alliar o bem e o mal, e pôr o homem em lucta consigo proprio, quando, pelo contrario, elle deve ser sempre consequente e não afastar-se nunca da vida ou dos negocios da virtude christã.—Mas se se trata de questões puramente politicas, da melhor forma de governo, d'este ou

d'aquelle systema de administração civil, é fóra de duvida que são permittidas divergencias honestas. A justiça não consente, pois, que se considere como criminoso o homem, cujos sentimentos religiosos so conhecem, e que está sempre disposto a aceitar com a devida submissão as decisões da Santa Sé, por ser de opinião differente nos assumptos em questão. Seria uma injustiça, ainda maior, suspeitar da sua fé ou accusal-o de a trahir, como já o lamentamos mais de uma vez.

Seja, pois, uma lei imprescriptivel para os escriptores e sobretudo para os jornalistas. Numa lucta, em que se travam actualmente os maiores interesses, é necessario absolutamente fazer calar as dissensões intestinas ou o espirito de partido; mas n'um accordo unanime dos espiritos e dos corações, todos devem visar ao fim common, que é salvar os grandes interesses da religião e da sociedade. Se hoive, pois, alguns desacordos no passado, é necessario sepultal-os n'um olvido completo; se se commetterem algumas leviandades ou alguma injustiça, qualquer que seja o culpado, é necessario reparar tudo por uma caridade reciproca, e tudo resgatar por uns actos de particular obsequio para com a Santa Sé.—D'esta forma os catholicos obterão duas vantagens muito preciosas: uma facilitar á Igreja os meios de conservar e propagar a doutrina christã; outra prestar o mais assignalado serviço á sociedade civil, cuja salvagão está muito compromettida pelas doutrinas subversivas e ruins paixões.

Eis pois, Veneraveis Irmãos, o que cremos dever ensinar a todas as nações do mundo catholico sobre a CONSTITUIÇÃO CHRISTÃ DOS ESTADOS, e os deveres particulares dos cidadãos.

Só nos resta implorar, com ardentes preces o auxilio celeste, e conjurar Deus a que conduza Elle proprio ao termo desejado todos os nossos desejos e todos os nossos esforços para gloria sua e salvagão da humanidade. Elle, unicamente, que é a luz da intelligencia e a força do coração humano. Como penhor das bençãos divinas, e em testemunho da Nossa paternal benevolencia Nos vos damos, na caridade do Senhor, Veneraveis Irmãos, a vós, assim como ao clero e ao povo inteiro confiado á vossa guarda e á vossa vigilancia, a benção apostolica.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, em 1 de novembro de 1885, oitavo anno de Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, Papa.

(1) Act. XX. 28.

SECÇÃO RELIGIOSA

O Cinto da Virgem

A mão do Omnipotente tem, em todos os tempos, manifestado ao mundo a virtude, a grandeza, o poder e a soberania da Santissima Virgem, a mulher privilegiada, a creatura mais perfeita e mais santa que appareceu sobre a terra.

Virgem e Mãe ao mesmo tempo, Maria Santissima representa todos os brilhos da gloria, e distribue todos os thesouros da graça. Creatura mais excelsa que todas, tendo só a Deus por superior, foi enriquecida de todos os dons, prerogativas e preeminencias, e ficou sendo para todos os seculos a syn-

these fulgurante das mais pasmosas mercês do ceo.

A maternidade divina d'este vulto magestoso é o mais alto mysterio da graça, a assombrosa grandeza a que foi elevada a nova Eva que havia de calcar a altiva cabeça da serpente do paraizo terreal.

—Só Deus é grande; mas, depois de Deus só é grande Maria.

E o seu poder e grandesa em favor da humanidade se tem patenteado de diversos modos no mundo.

A igreja applica a Maria Santissima estas palavras do livro do Ecclesiastico: *Em mim ha todas as graças e todas as virtudes; vinde a mim todos os que as desejais, e encher vos hei de minhas gerações.*

Referiremos aqui um glorioso penhor do poder da Virgem San-

tissima, cuja memoria existe ha seculos com culto magestoso dos fiéis.

A Hespanha com justa rasão se pôde gloriar de possuir este penhor da Mãe de Deus.

A cidade de Tortosa, que é um dos principaes portos de mar no Mediterraneo, conserva em devida veneração uma preciosa reliquia conhecida em todo aquelle paiz com o nome de *Cinto da Santa Virgem*.

E' antiquissima esta reliquia, pois que remonta á epocha em que D. Raymundo Berenger, rei de Aragão, expulsou os mouros da cidade de Tortosa, e n'ella restabeleceu o catholicismo. Realisou-se este feliz acontecimento no anno de 1141.

Mas que reliquia é esta, que conta sete seculos de existencia e de veneração na Hespanha?

Uma antiga tradição conta que a Santissima Virgem, Mãe de Deus, collocou com sua propria mão esta reliquia sobre o altar-mór da Cathedral de Tortosa, em testemunho da benevolencia com que recebia a grande devoção dos habitantes d'aquella cidade.

A reliquia consiste n'uma especie de lita bordada de seda, que se conserva n'um relicario de crystal, da configuração do nome de Maria.

Foi alli depositada, em 1620, pelo Bispo de Tortosa que então era D. Luiz de Rena.

Nesse mesmo anno, Philippe IV, muito devoto d'essa reliquia, e conhecendo a veneração que lhe professava o povo de Madrid, mandou-a vir para a capital, na occasião do parto da rainha D. Maria Anna de Austria, e a expoz na capella do palacio.

Desde então os reis de Hespanha tem conservado este piedoso costume.

Quando a rainha entra no setimo mez da sua gestação, o mordomo-mór da casa real officia ao capitulo de Tortosa sollicitando-lhe a veneranda reliquia.

O capitulo nomeia então dous dos seus membros que, no dia apazado, acompanham o *sagrado cinto* em procissão até á porta da cidade, onde o recebem n'uma caixa sellada e com as sollemnidades proprias d'um processo verbal authenticico.

Depois d'esta singela narração, poderá alguém perguntar se é authenticico o venerando monumento que se conserva na cathedral de Tortosa, o *Cinto da Santissima Virgem*, que, segundo a tradição foi alli collocado pelas proprias mãos da Rainha dos Anjos.

A heresia e a incredulidade systematica, e ate mesmo alguns catholicos meticulosos, mais criticos que pios, sorriem ao ouvir fallar na *legenda* que acabamos de referir.

Para os taes o *Cinto da Santissima Virgem*, guardado e venerado em Tortosa, não passa d'uma patranha inventada por algum *milagreiro* da idade media, d'uma pia superstição que não tem fundamento historico, nem se mostra documento que comprove a sua authenticidade.

Pois não será temeridade e até uma especie de fanatismo crer que a Santissima Virgem pozera em Tortosa aquella lita bordada de seda?

Não intentamos apresentar aqui os testemunhos que nos auctorisam

a considerar authenticico o *Cinto Sagrado* de Tortosa.

Apenas fazemos algumas reflexões.

Primeiramente, a tradição é antiquissima, pois data dos meados do seculo XII, e sem interrupção tem sido transmittida até os nossos dias. Quem foi que a inventou? E' o que ninguem nos pôde dizer.

Em segundo lugar, ha dous seculos que na Hespanha se faz sollemnemente a cerimonia de conduzir a preciosa reliquia de Tortosa para Madrid, da maneira que deixamos relatada, sem contradicção das auctoridades ecclesiasticas, mas antes com sua plena approvação. E basta isto para que no seu culto não haja sombra de fanatismo nem temeridade.

Em terceiro lugar, na tradição nada ha que seja contrario á fé nem á razão. Quem reconhece o poder de Deus e os merecimentos singulares da sua Santissima Mãe, a quem Santo Agostinho com outros doutores da Igreja chamam omnipotente por graça e privilegio, nenhuma repugnancia encontra na pia crença da Hespanha ácerca do *Cinto Sagrado* de Tortosa.

Mas não é só na Hespanha que admiramos este singular beneficio da Virgem: em outras partes da Christandade se venera preciosas reliquias da Senhora.

Assim, basta-nos aqui dizer que na egreja de S. Pedro em Roma se conserva e venera uma porção do *sagrado veo* que foi do uso da Mãe de Deus, sem contradicção dos Summos Pontifices, guardas da fé e da tradição.

De resto, a tradição do *Cinto da Virgem* não é artigo de fé, nem a Igreja obriga alguém a esta crença. E' uma tradição pia que não é contrariada por nenhuma razão ou documento.

Concluimos dizendo: só Deus é grande; mas, depois de Deus só é grande Maria.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

Mais pensamentos de D. Fr. Caetano Brandão

Continuado do n.º antecedente

Digam o que quizerem os politicos do mundo; sempre será verdade que, depois dos seculos dos prodigios, tendo-se Deus como descarregado sobre os Principes christãos de uma grande parte dos cuidados relativos á sua Igreja, não

podará deixar de tomar-lhes conta dos damnos que ella soffre por sua negligencia, e conta tanto mais rigorosa, quanto com bem pouco custo, com uma só palavra, com um leve acceno da sua vontade, elles podiam evitar infinitos males e promover infinitos bens.

Nem sempre o meio acertado para entrar nos proprios direitos é o da força.

E' grande loucura esperar que venha a ser melhor a geração futura, se lhe não fornecemos outros recursos que não teve a nossa.

Quem pôde resistir ao terrivel esquadrão dos Pastores da Igreja, quando é animado pelo espirito de concordia, este espirito que Jesus Christo deixou como em partilha aos seus discipulos, e que tantas vezes lhes confirmou depois da sua Resurreição gloriosa?

A anarchia é a inimiga declarada da authoridade e do bom publico.

Não pôde haver nação tão barbara e cega, a quem seja absolutamente desconhecida a primeira Causa, (que na verdade, se aquelle que ouve tocar uma cithara ou vê um edificio regular e magestoso, logo se lembra de mão habil que produz estes admiraveis effeitos) parece tambem que qualquer homem que tenha o juizo são, não poderá litar os olhos na belleza dos ceos e de toda a machina do universo sem presentir (seja embora confusamente) a mão do seu Author, e por um instincto natural não procure render-lhe alguma especie de culto.

Mais agrada a Deus uma Ave-Maria dita com attenção e com recolhimento; do que grande e pomposo numero de orações voceas com o espirito voluntariamente dissipado e perdido pelas creaturas.

A educação dos meninos é a cousa mais importante e recomendavel: ao menos ninguem poderá contestar que entra na ordem das primeiras causas que influem no bem d'uma e outra republica, christã e politica: qualquer d'ellas será mais ou menos feliz á proporção do cuidado que se toma em formar os tenros corações da mocidade. Semêe se bom grão n'esta terra ainda fresca e mimosa, cultive-se com zelo e industria, nem a requieme o ar impestado dos maus

exemplos, e logo a republica virá a ser como um ameno jardim povoado de arvores vistosas e fructíferas, isto é, de sujeitos que, por suas bellas acções, contribuam á gloria e ao bem solido da humanidade.

*

Salva, ó homem, a tua alma; olha que não tens sendo uma; se a perdes, tudo para ti está perdido irremediavelmente.

*

Assim como o pão usual nem sempre é proficuo aos estomagos, e quando elles se acham indispostos, mais os carrega e opprime do que os sustenta; assim o Pão Sagrado Eucharistico ha de ser applicado quando o estomago da alma tem o fervor e mais circumstancias que o fazem capaz para a boa digestão.

*

O seminario é o meio mais conveniente para a educação do clero.

(Continúa)

Padim da Graça — Setembro de 1883.

Padre Joaquim José Soares.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

VII

Autenticidade do Evangelho

(Continuado do n.º antecedente.)

Os incredulos não se occupam de deduzir dos principios evangelicos consequencia alguma contra a moral, porque o dente envenenado d'elles não pode apresar a sublime doutrina d'este codigo tão perfeito e prodigioso; mas negando que elle seja obra do Messias, impugnam a sua divindade, collocando a Jesus Christo por seu genio superior e talento extraordinario entre os grandes agitadores da terra: porisso os impios esforçam os seus argumentos e sophismas contra a autenticidade dos nossos sanctos Evangelhos, visto que não podem atacar o elevado e puro ensino das suas paginas. Algumas testemunhas o ulares dos feitos de Jesus dedicaram se a escrever a sua historia consignando n'ella as sanctas maximas que tão frequentemente tinham ouvido de seus labios: e não é prodigioso que esses homens dispersos por diferentes nações da terra tenham traduzido obras de admiravel concordancia, apesar de terem escripto em logares tão distantes, em idiomas tão diversos e em tempos tão diferentes? Os auctores

evangelicos convem em todos os successos occorridos a Jesus durante a sua permanencia entre os homens; mas a identidade de maximas moraes e o surprehendente accordo e harmonia dos mesmos escriptores na sublime doutrina ensinada por seu Mestre é na verdade prova irrecusavel da divina inspiração que dictara livros tão preciosos.

Se varios genios disseminados por differentes logares da terra, tivessem escripto em diversas epochas e idiomas o sitio e a destruição de Troya, ter-lhes-ia sido possível adivinharem os liissimos conceitos escapados á inagnição poetica de Homero?

Pertenceram ao collegio apostolico dois escriptores de Evangelhos, o terceiro foi dos septenta e dois discipulos e S. Lucas conversou frequentemente com S. Pedro e S. Paulo e com outros fiéis que foram igualmente testemunhas da prodigiosa vida de Jesus. Estes livros foram escriptos em latim (1), em hebreu e em grego em logares tão diversos como Jerusalem, Roma, Antiochia e Epheso, e nos tempos que mediaram desde o terceiro anno do sessenta e seis da morte de Jesus: mas apesar das differenças de tempos, de idiomas e de logares não se contradizem nem narram successos de modo differente, e a moral é a mesma em todos elles, ainda que seja distincta a sua linguagem. Espalhada a nova religião por diversos paizes da terra, o Evangelho não tardou a ser traduzido, sem que as versões arabe, syriaca, persa, ethiopica e armenia offorecessem variação nem discordancia alguma com o texto primitivo; tão grande foi o esmero que houve em conservar a pareza dos livros sagrados!

Apesar da diversidade das linguas usadas no mundo, a tradição d'esta sancta historia é a mesma em todas as partes, escreveu S. Feneu (2), e este facto é indubitavel, pois do contrario conservar se-iam as variantes introduzidas no original legitimo e genuino. O texto que conhecemos d'estes livros concorda exactamente com o que os seus auctores escreveram, porque as acções consignadas nas obras dos primeiros Padres da Igreja estão conformes com os nossos modernos Evangelhos.

Desejando os christão de Jerusalem que se escrevessem a doutrina ensinada por Jesus e os maravilhosos acontecimentos da sua vida, confiaram

[1] Os expositores não são conformes sobre o idioma em que S. Marcos escreveu o seu Evangelho, pois se alguns crêm empregara a grega razão ha para crer que escrevera o dito livro em latim.

[2] S. Hen. *adv. Hec.*, liv. I, cap. X.

este encargo a S. Matheus, e o sancto Apostolo escreveu em hebrau um Evangelho tres annos depois da morte do seu Mestre (3).

Todos os christãos de Jerusalem, e a sancta Virgem, que viva entre elles, oram testemunhas presencias de acontecimentos occorridos tão recentemente; todos haviam escutado a admiravel doutrina de Jesus Christo, as suas bellissimas parabolos e severas correções, e uma Mãe não pode ignorar as circumstancias do nascimento, infancia e juventude do filho com quem tenha vivido.

Liam o referido Evangelho aquelles fiéis que tendo visto os successos poderam julgar perfeitamente a exactidão da sua narração. Será possível submeter a melhor prova a verdade historica d'um livro?

Poderá comprovar-se a sua exactidão com mais rigor, que sujeitando-o á critica e censura de homens que presenciaram os successos referidos?

S. Marcos achava-se em Roma para ajudar o primeiro Chefe da Igreja nos trabalhos do seu apostolado, e obedecendo a uma disposição do sancto Apostolo escreveu o Evangelho, ao qual os primeiros christãos chamaram Evangelho de S. Pedro, pela parte que na sua redacção tomou este Papa.

Certos rasgos d'aquelle livro indicam claramente que elle foi examinado quando menos, e sem duvida alguma corrigido, pelo Pontifice romano, pois guardando humildemente silencio sobre os elogios que a sua entusiastica fé moreceu de Jesus Christo, detem se em referir as especiaes circumstancias da cobardia com que repetidas vezes o negara.

S. Lucas foi um medico de Antiochia, a quem S. Paulo confiou o encargo de escrever o Evangelho, sabendo que era homem do conhecimentos litterarios e de notoria illustração, e o erudito escriptor realisou as esperanças do Apostolo, publicando em grego a sua obra pelos annos 26 da morte de Jesus (4). Durante algum tempo acreditou-se que este Evangelista foi tão somente um amanuense de S. Paulo, verdadeiro auctor d'aquelle notavel escripto; mas a final desistiu-se d'uma opinião sem fundamento, ficando a S. Lucas a gloria de ter redigido o referido livro.

Apparecendo Ebion e os Nicolaitas a negar a divindade de Jesus Christo, S. João creu necessario escrever a biographia e a doutrina do seu Mestre; e levando a effeito o seu

[3] Alguns auctores deixaram passar seis annos, e dizem que este Apostolo escreveu o seu livro em syriaco.

[4] Segundo S. Geronimo.

proposito, compoz o Evange'ho logo que pôde regressar a Epheso depois dos grandes padecimentos e martyrio horrivel que soffrera.

Deus conservou aquella vida para a admiravel obra que o Discipulo amado de Jesus havia de compor em grego com a inspiração divina.

Os que impugnã a verdade do Evangelho deverã comprehender de quanta exactidão e esmero necessitaram os auctores e angelicos na redacção d'uns escriptos submettidos ao exame de numerosas testemunhas que haviam presenciado a vida de Jesus; obras por outro lado sujeitas ao juizo critico dos inimigos da Igreja.

A mesma singeleza com que os acontecimentos prodigiosos são referidos e com que é exposta ao mundo uma doutrina que ia commovel-o, demonstra egualmente a certeza e veracidade das mesmas obras.

Não ha n'estes livros artificio algum para seduzir o entendimento humano com bellezas oratorias, que occultem sagazmente a verdade.

Continúa.)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

SECÇÃO CRITICA

Bismarck

REFERE Martins Busch, no seu livro *O Conde de Bismarck*, que este, dirigindo-se aos Cursos militares lhes dissera: «Eu não comprehendo como, sem fé n'uma religião revelada, se possa crêr em Deus, como se possa cumprir o proprio dever e dar a cada um aquillo que lhe é devido.»

Sem a Religião revelada, á qual o Conde, hoje Principe, de Bismarck prestou aquella homenagem, é certo que a Religião natural nos faz tambem crêr a existencia de Deus, mas se a Deus, precisasse bastante a Religião natural teria por escusada a Sua Revelação, com a qual nos deu a Religião revelada. Tambem pela Relegião natural ou pelo direito natural nós percebemos os Direitos de Justiça, aos quaes correspondem nossos deveres para com Deus para conosco e para com os outros, que se resumem no *Suum cuique*; o Conde-Principe invocou estes direitos e deveres debaixo da Sanção da Religião revelada, embora esta os sublimasse e mais accentuasse como da Religião natural, e por consequencia como de Deus! Continuou Bismarck: «Se eu não fosse christão não me importaria de Deus, não reconheceria n'este mundo quem me podesse ser e fazer de Senhor.» Fôra do christia-

nismo sempre tem sido reconhecido um Ente Supremo, e no *Antigo-Testamento* está Esse Ente bem definido; no *Novo-Testamento* ou *Christianismo* está a *Lei da Graça* que é complemento concorde da *Antiga Lei*! Louvamos tudo que ha de christão nos pensamentos exarados do Conde-Principe de Bismarck, e permitta Deus que taes pensamentos n'elle se tornem *completos*! Continuou Bismarck na mesma occasião: «Se não crêsse n'uma ordem divina renunciava o mester de diplomatico.» Não é muito commum ouvir *hoje* assim dizer aos *diplomaticos de gravata*; honra seja a quem o disse, e que este dito seja-lhe vivo até que n'aquella mente se forme uma idéa toda justa do que é a *Ordem Divina*! Disse mais o *Chancellor*: «E' da minha fé inerullavel que eu atinjo a minha firmeza. Se vós me tolheis esta fé, eu fico sem patria.»

Vê se, que Bismarck não é *atheu nem impio*; mas seu sentir religioso manifesta a falta que lhe faz a *Idéa Catholica Apostolica Romana*; como o seu *Kulture myff* denuncia o perigo que correm os homens quando se achem com *grande poderio humano*! Concluiu Bismarck n'aquelle momento *assim*: «Dai-me um successor e eu vou-mo embora já; mas eu vivo no meio de pagãos! Não quero fazer proselitos, mas sinto a necessidade de confessar a minha fé.» Bismarck faz êcho a todos os que encaram a *Sociedade moderna* como ella é, sim uma *Sociedade pagã e de peor paganismo*! O não querer fazer proselitos significa que sua crêncã se resente do enfraquecimento de *não ser catholica*, embora sinta a necessidade de confessar o que crê. E' de justiça dizer, que o Conde-Principe de Bismarck *disse* o que *muito callam n'estes tempos* os homens ditos *politicos*, já mesmo sem fallar de outros d'estes que menos mal feriam se *não fultassem* e menos ainda se *não operassem*; e não se pôde esperar bem do que tem vergonha ou medo de confessar a crêncã, no que consiste a maior falta de valor. A crêncã verdadeira é uma «*Catholica Apostolica Romana*» porrem aquelles que a não tem mas se sentem animados por um *Principio Religioso* estão mais facéis de a ter, pois que as Conversões á Igreja de Deus dam-se ainda com mais repetição nos observantes de uma vida religiosa qualquer, do que nos que vivem na *indifferença* ou como *brutos voluntarios*.

Os *homens* estã *agora* a *materia-lisarem-se* tanto *por dentro* como *apparecem* *podres por fóra*!

Dom Antonio de Almeida.

Coisas! Coisas!

Esta?! Não querem saber os nossos bondosos leitores a noticia que as gazetas nos trazem! Uma doidivana que por Lisboa rabisca nos jornalecos ao serviço da impiedade e dos maus costumes, que dá pelo nome de Angelina Vidal, não se lembrou, (pobre de espirito, coitada!) de babusar n'um papeluxo, *analysando* a ultima Encyclica do Nosso Santissimo Padre Leão XIII!

Ao que pode chegar uma cabeça estouvada! Julgar a communista, que é tão facil, não digo *analysar*, mas ler a Carta Encyclica do Papa, como é facil; rengar ás turbas, de archote pe-troleiro em punho, no alto das barricadas!

Que desgraça, que mania a da mulher que não sabe a missão que lhe está destinada, que não aprendeu a ser senhora de casa, que não aspira á presidencia da familia, para só decajar o lugar da mulher das ruas, da *heroína* que só sabe berrar quando vê o desmoronar dos palacios e o rolar de cabeças no patibulo!

Ao que arrasta a mulher uma educação sem cathecismo, uma vida sem as alegrias e consolos da Religião!

Siborá a basbaque Vidalleira o que o Papa quer dizer na sua Encyclica? Quem ensina nos prostybulos e nas tabernas a escutar a Voz do Vigario de Jesus Christo?

Pobre humanidade, que tão ma encaminhada vaes!

Agrupem-se em volta de nós, os inimigos das Irmãs de Caridade, os insultadores d'essas heroínas da civilização e do progresso, para ler a narração que um jornal de Nowa-York faz da vida de uma Irmã. Lêa-se, e os patabinas que tem doestos que arremegar ás faces d'essas creaturas que são o pasmo das modernas gerações, correm:

«A Irmã Maria Constança, durante os 50 annos de vida religiosa, recolheu e educou milhares de orphão-inhos. Quantas lagrimas de gratidão serão vertidas no espalhar-se a noticia de sua morte! Que de soluços se não devem ouvir ao saber-se que já não pulsa aquelle coração nascido para o sacrificio; que são geladas aquellas mãos dispostas sempre para socorrer e para amparar, quem do socorro e amparo carecia!

Quem alimentou, vestiu, e ensinou os eternos principios da justiça, e as vantagens de uma vida activa, no robusto obreiro? A pobre Irmã da Caridade, que acaba de espirar.

Esses 50 annos, passados no ser-



DESTRUIÇÃO DE SODOMA

viço do proximo, esses 50 annos de pobreza e sacrificios voluntarios, longe d'um mundo de luctas egoistas, são bem mais dignos de admiração do que os passados no serviço militar ou na cultura das sciencias.»

Revejamos aqui os gazeteiros atheus de Portugal, o corem ao ler essas linhas, em honra de uma Irmã do Caridade, escriptas por um protestante.

Ao que parece os homens positivistas, os que viam em Littré um homem superior a estas cousas de alma de espiritalidade, de religião etc., etc., estão fulos, seriamente contrariados depois do enterro de Mr. Charles Robin, que fôra discipulo do patriarcha Littré, como lhe chamaram os pygmeus que adoravam o idolo que ao catholicismo se converteu na ultima hora.

O discipulo do mestre foi enterrado catholicamente e por isso fez-se um berreiro pasmoso nos arraiaes do positivismo, não só em França, mas mesmo aqui, n'este paiz onde uns pygmeus ineptos tambem se chamam positivistas. Um jornal de Lisboa, dos taes, dizia ha dias muito affligido:

«As precauções do collaborador de Littré foram vãs. A igreja, assim como roubára o cadaver do sabio positivista roubou tambem os restos mortaes de Charles Robin, apesar das suas disposições testamentarias.

Charles Robin foi enterrado pelos padres catholicos! Foram os herdeiros que entregaram o cadaver do livro-pensador á profanação dos clericacs.»

Foi bem feito! Estes pequenos de cá ainda não comprehendem que os sabios lá de fóra andam a comer as nullidades em quanto lhe convem, mas que depois, na ultima, se voltam para o mais seguro, que é Deus!

Fortes palermas!

O nosso officio de leitor de gazetas, faz que conheçamos muita cousa, que, com certeza, ignorariamos, se a tal mister nos não dedicassemos. Ha dias encontramos n'uma gazeta a noticia de que, no mez de novembro se concederam 41 mercês honorificas, entre as quaes, se destacam 23 habitos!

Por vezes temos visto esta *datima* de habitos por um governo que não permite Ordens Religiosas, e temos pasmado de tal contradição; agora porrem que esta offerta de habitos coincidiu com a extinção do convento da Estrella, quer-nos parecer que seriam os habitos das pobres carmelitas, que o governo dera, como *regalo*, a alguns *benemeritos* ou *veneraveis*.

Serão, de facto, os habitos das

freiras, que o governo está dando, por graça regia?

Parece que S. M. o Snr. D. Fernando, manifestara em seu testamento desejos de que o palacio da Pena, em Cintra, coubesse á snr.ª condessa de Edla, sua esposa. Nós, se fossemos o Snr. D. Fernando, deixavamos a Pena a qualquer dos filhos, ou netos, impondo-lhe a mesma condição, que a junta do Credito Publico lhe impoz, quando o poz em almoeda, como consta de uma nota que, juntamente com o annuncio da venda, foi publicada no «Diario do Governo» de 7 de setembro de 1838, que reza assim:

«N. B.—A arrematação d'esto predio é com a expressa clausula de ficar o arrematante obrigado a cuidar na sua boa conservação, na conformidade do que dispõe a Carta da lei de 15 de abril de 1835, visto ser um monumento nacional, e couter a igreja um retabulo de primorosa esculptura.»

E mais fariamos se fossemos o Snr. D. Fernando. A este N. B. que juntariamos ao testamento, acrescentavamos:—E de nossa vontade é, que o principe, que de nós herdar o palacio de Pena, o restituisse aos seus verdadeiros senhores, os Monges de S. Jeronymo, para que elles, em suas orações de nossa alma se lembrassem.

E querram saber porque nós fariamos isto, se fossemos o Snr. D. Fernando? Porque o convento, igreja e cerca de Nossa Senhora da Pena, nos tinha custado:

Em dinheiro.....	257,5400
Em escriptos do thesouro...	250,5600
Em papel moeda.....	253,5000

Total reis..... 761,5000

Não se julgue, porem, que por assim tão pouco custar ao Snr. D. Fernando, em 1838, não valesse bem mais. Uma casa religiosa começada em 1503 por D. Manuel, e enriquecida por D. João III forçosamente havia de ser uma cousa de grande valor, e tanto que o annuncio de venda, lhe chamava monumento historico.

No lugar de S. M. El-Rei o Snr. D. Luiz comprariamos por todo o preço o mencionado palacio e offertavamos-o aos Monges de S. Jeronymo. Que esplendido marco erguido na historia do actual Rei de Portugal, não seria este!

Um leitor de gazetas.

SECÇÃO LITTERARIA

A velhinha

No templo de manhã, se penetrasseis, quando ha massas de treva, e, duvidosa,

ra a luz, pela ogiva graciosa, talvez que uma velhita ali notasseis?

Nos recessos da nave tão sombria, orando em religioso isolamento, quando o levita entrava ao guardavento, d'alta columna perto, sempre a via.

Se vós a ouvísseis, lhe fallásseis perto, talvez que não sentísseis repulsão. Tinha alegre bondade na expressão, olhos de virtude e um ar aberto.

Venceu-me um dia a ancia de saber, quem senia esta sancta mulherzinha; e soube então, que á porta da velhinha, pasava, á tarde, sem n'a conhecer.

Martyr houvera sido; mas a fé, entre os gritos de dôr a amparara: como o cedro do ermo se aguentara, contra o tufão vergan lo, mas de pé.

Tres filhos houve, os quaes nos proprios braços, viu a morte gelar-lhe a flôr da vida; e uma filha, oh meu Deus, estremecida, tombar-lhe ao lado dos funestos laços!...

E o triste espôso, por seus brios vingar, segue ao exilio, e morre em longas plagas; e, não bastando tão profundas chagas, seus bens o fisco veiu-lhe arrebatat.

E não caiu em luta tão ingente!
E não maldisse o seu fadario triste!
Aos raios da crua provação resiste,
no ceu pregando os olhos tão somente!

E ella que houvera outr'ora o seu conforto
leva em penunria os dias mingoados!
E ella que teve os lares perfumados,
bebe serena, o calix do seu hôrto!...

Oh meu Deus, como é sancta a vossa lei;
como a vida conforta, mais mesquinha!...
Dae-me a fé d'essa triste mulhersinha,
e, aos meus baldões, sorrindo, eu passarei

Mas não acaba ainda a historia aqui;
pois que um dia, a velhita na igreja,
como chama que treme, e que vasquêja,
vida piedosa esmorecer-lhe vi.

Fôra curvar a penitente fronte;
fôra bater ás portas do sacrario;
e, murmurando preces n'um rosario,
a morte a inclina, como á flor do monte.

Subiam ondas de profuso incenso;
de sol quebrava um raio nas loisas frias;
e o orgão a gemer melancolias,
pela nave espalhava um hymno immenso!...

Cintra—1883.

Mattos Ferreira

GRACIA

OU

A CRISTÃ DO JAPÃO

Continuado do n.º 1

CAPITULO XIV

O estudo de Gracia

O PADRE fallava da gloria, da felicidade que experimentará a alma quando gozar da vista de Deus, da differença que haverá entre os prazeres e gozos da terra e os do ceu, e descrevia tudo isto com uma energia, um fervôr e um enthusiasmo que só parecia, que já por experiencia o conhecia. A princeza ouvia-o, e sem o poder obstar, notava que sua alma se elevava e ascendia a um mundo melhor, e que, impulsada pelo impetuoso verbo do orador, corria pelas regiões que este devassava e como que gostava d'ellas e as saboreava. Quando o Sacerdote poz termo ao seu discurso que não foi muito extenso, sentiu a princeza a mesma magua e tristeza que a que depois de um sonho agradável se encontra e se sente com uma realidade mui diversa do que se sonhára e exclamou: «Que pena não ser verdade o que diz!»

Ainda porém, não tinha acabado de formular este pensamento, quando sua razão com voz mui forte lhe apresentou est'outro: «Mas a não ser verdade o que diz, como é que elle pôde fallar assim? Como pôde conhecer tão bem e descrever com tanta exactidão cousas que, segundo o meu pensar, não existem? Se fossem imaginarias havia de conhecer eu bem o esforço e conexão com que as haja unido, como conheço em um conto phantastico?»

Taes observações e outras parecidas pozeram Gracia em uma grande confusão da qual a tirou Mirka, dizendo-lhe:

—Vem connigo a um quarto que ha por detraz da Igreja, aonde o Sacerdote recebe aos que tem precisão de fallar-lhe.

—Sim, vamos, vamos, que tenho grandes desejos de perguntar-lhe varias cousas.

Quando se encontraram ante o Sacerdote, Mirka foi direita a elle, e antes que Gracia podesse impedir-o, disse-lhe: «A princeza deseja fallar-vos.»

Fitou-a o Jesuita rapidamente, observou que o traje não correspondia ao estado da pessoa, advinhou a causa e até quasi que pôde perceber alguma cousa do que se passava no coração de Gracia, porque com a maior doçura e cortezia lhe disse, depois de saudal-a respeitosa:

—Até que afinal, senhora, vos de-

cidistes a honrar-nos com vossa presença.

Turbon-se Gracia, e por unica resposta disse:

—A curiosidade de ouvir-vos me impelliu.

—Já deveis saber, acrescentou o Padre, como se na-la tivesse notado, que dentro de tres dias nossa boa Mirka receberá o Baptismo; e como vós lhe tendes servido de mãe e lhe haveis permittido fazer-se christã, terei o maior prazer que a acompanhéis.

—Feliz d'ella, que tão contente se sente com sua nova religião, exclamou a princeza.

O Sacerdote acabou, pela entoação com que ella proferiu estas palavras, de comprehender o que se passava em sua alma, do modo que tomando por assumpto a questão de crencas, fallou de tal modo da felicidade de ser christã, que Gracia escutava-a como encantada. Adquiriu, ao ouvir-o, confiança, fez-lhe duas ou tres perguntas, ou melhor, expoz-lhe duas ou tres objecções com todo o possível artificio philosophico, mas o Sacerdote com a mesma singelleza e naturalidade com que estava conversando li-as resolveu e proseguiu dizendo:

(Continua.)

Versão do padre Lima.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

S. Carlos Borromeu

A nossa teimosia não terá troguas, e por isso continuaremos a ser teimosos, apresentando os retratos de todos os homens que, por seu saber e caridade, se tem tornado notaveis na terra. Hoje é o retrato de S. Carlos Borromeu, que adorna a primeira pagina da nossa Revista, retrato que vamos acompanhar de alguns traços biographicos, para mostrar do quanto é capaz um padre, um ministro da Religião santissima do Jesus.

Nasceu o nosso heroe em 1538, no dia 2 de outubro, no castello d'Arona, descendendo de uma antiga familia da Lombardia. A s vinte e tres annos de idade era Cardeal e Arcebispo de Milão. Pio IV, falto de forças e vergado ao peso dos annos, conferiu-lhe com as honras cardinalicias uma boa parte na direcção dos negocios da Igreja, confiança que a intelligencia e actividade do jovem purpurado não desmereceu, como se viu, não mencionando outros, nos serviços que lhe deveu o Concilio Tridentino, e a

fundação da Academia do Vaticano, imporio de litteratura e de todas as sciencias.

Despindo-se de todas as vaidades, renunciando a todas as honorarias, entregou-se de alma e coração a promover o bem por meio de regulamentos, synodos, concilios; edificando asylos, hospitaes; fundando seminarios, de que é testimunha toda a Italia, que tanto auferiu dos beneficios d'este apostolico varão.

Quando, porem, o nosso heroe se tornou extraordinariamente celebre, foi na occasião em que a peste invadiu Milão. Ahi então apparece o verdadeiro apostolo, o soldado aguerrido do Jesus Christo. De todos os meios se serviu, empregou todos os seus recursos para aliviar os pobresinhos que morriam de fome, e faltos de todo o necessarios, em meio da terrivel epidemia, e quando nada tinha já, quando não podia dispor de outra cousa, porque mais na-la tinha, vendeu a sua propria cama, para soccorrer os necessitados!

Os excessos de tantos trabalhos, em prol dos pobresinhos, foram-lhe roubando as forças, e, no dia 4 de novembro de 1584, sua alma, despreendendo-se da materia, voava á celestial morada, para receber o premio de uma vida desacrificios e abnegação. Em 1610 era canonisado por Paulo V, e em 1697, junto de Arona, levantava-se á sua memoria um monumento grandioso, para attestar a todas as edades o reconhecimento dos povos ás virtudes do grande apostolo.

Admiremos o retrato do homem do Senhor, do Prelado austero, do santo da caridade. Apontemos ás presentes gerações, mais um typo do homem do sotaina, da roupeta, que hoje os espiritos fortes querem menos presar, e admiramos n'ello, mais uma vez, o clero catholico.

II

Destruição de Sodoma

Os peccados dos homens mais uma vez chamaram os ca tigos do ceo. Terrivel foi a culpa, mas medonha foi tambem o castigo. Desrespeitados os mandamentos do Senhor, campeando desenfreada a maldade humana, mandou Deus á t rra os seus anjos para prevenir os delinquentes, que os desprezaram, despresando seus conselhos.

Lot que abrigara os enviados do Senhor em sua casa, e que sabia respeitar a lei divina, foi salvo com sua mulher e suas filhas, refugiando-se em Segor, pequena povoação perto do Sodoma e Ghomorra, condemnadas á destruição.

Para os que não creem em milagres,

nem admittom castigos do céo, damos como prova a destruição de Sodoma, e apontamos-lhe um dos quadros de tão estupenda catastrophe, em que pereceram todos aquelles que ultrajavam a virtude, que menospresavam a caridade. As linguas de fogo abraçando aquelle povo descrente; os raios despedaçando os templos e as casas, fazendo cair sobre o povo amontoado as pesadas columnas dos mais ricos edificios; o desespero dos que já não esperavam viver, e que não viam remédio para suas desgraças, porque não ouviram a palavra do Senhor, tudo nos recorda a segunda gravura do presente numero.

Lot, guiado pelos anjos té ao simo d'um monto, satisfaz os preceitos de Deus não voltando o rosto para ver a cidade devorada pelas chammas; mas sua mulher, pesarosa, de certo, por deixar a terra em que vivera, e esquecida das ordens do Senhor, olhou com saudade para a cidade maldita, e que-dou-se n'uma estatua de sal.

Os crimes dos homens sempre chamaram a cholera de Deus, e todos os grandes cataclismos que vão soffrendo a humanidade, são a recompensa de seus crimes, embora o não cream os que a troco de dez reis, pregam a descrença e a negação da divindade.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



A morte riscou da lista dos assignantes e amigos do «Progresso Catholico», os seguintes nomes:

Padre Joaquim de Jesus Coelho, de Cantanhede.

Padre Francisco José Carreiro, Vigário na Ribeirinha—Ilha Terceira.

João Pedro Nobre Taveira, de Aljesur.

Geraldo Alberto das Mercês, do Funchal—Ilha da Madeira.

Quatro campas caídas sobre os restos de quatro leitores e assignantes do «Progresso Catholico», e com a queda d'essas campas, mais uma cruz erguida no cemiterio, e mais uma cruz traçada no livro dos assignantes da nossa Revista.

E assim como o visitante d'um cemiterio offerta suas preces junto da cruz que lhe lembra uma pessoa de quem fora amiga; assim nós, ao dedar com uma cruz, percorrendo as

paginas do livro onde estão inscriptos os assignantes do «Progresso Catholico», offertamos nossas preces á alma d'aquelles que nos leram, que nos ajudaram na propaganda do bem, que foram cooperadores nossos na pratica da mais necessaria das obras—o espalhar as boas doutrinas.

Isto, porém, não basta, e por isso pedimos sempre as orações de todos os leitores nossos como suffragios das almas dos nossos amigos fallecidos, o que agradecemos como obra meritoria aos olhos de Nosso Senhor.

Cobertos de luto se acham tambem alguns assignantes e amigos do «Progresso Catholico»:

A ex.^{ma} sr.^a D. Maria Henriqueta Barbosa da Cunha Sotto Maior, pelo fallecimento do ex.^{mo} sr. dr. Pedro Barbosa do Couto Cunha e Mello, pae estremecido de s. ex.^a, presadissima senhora, a quem somos muito obrigados.

O ex.^{mo} sr. Luiz Pereira, pelo fallecimento de sua esposa, cuja morte deixou inconsolavel este nosso amigo, e amigo dedicadissimo da nossa Revista.

Pedindo as orações costumadas para suffragar as duas almas que deixaram este valle de lagrimas, enviamos a expressão do nosso funto pesar ás pessoas doridas, e muito principalmente aos dois nossos assignantes e amigos já mencionados.

RETROSPECTO DA QUINZENA

FESTIVARAM em Guimarães, e fizeram-nos a honra de visitar-nos:

Os Ill.^{mos} e Revd.^{mos} Srs. Padre João Joaquim Gonçalves, Padre Francisco da Costa, e Padre João de Deus da Silva Ferraz; a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Amelia Peixoto de Magalhães e Menezes, da nobre casa da Luz, que veio em romaria a N. S. da Madre de Deus; e os Ex.^{mos} Srs. Gaspar Leite Fernandes, João Antonio da Costa, e Mamel Vieira Mendes da Silva.

A to los agradecemos a honrosa visita e a todos desejamos longa vida para mais visitas nos fazer, com o que nos alegamos.

Estève tambem em Guimarães, visitando-nos, de passagem para Braga o nosso amigo o Ex.^{mo} Sr. Duarte Leite Bragança.

Deixamos para o fim o fallar d'esta visita, porque temos de dizer a nossos leitores que este nosso amigo ia ao Sameiro em devota romaria e como cumprimento de um voto, feito á Virgem Santissima, sob a invocação do Sameiro, por haver livrado sua esposa de uma molestia que soffria ha doze an-

nos. Vá a noticia aos atheus libonenses, que mofam da devoção para com a Santissima Virgem do Sameiro.

Felicitemos os nossos collegas a «Palavra», do Porto, e a «Aurora do Cavado», de Barcellos; aquelle por encetar o seu 15.º anno, e este por principiar o 19.º anno. Que o primeiro, companheiro nosso nas lidas á sombra da cruz, continúa uma vida em meio de todas as prosperidades, são os nossos desejos, e que o segundo continue nos seus trabalhos, é tambem o nosso anhelio.

O nosso collega bracarense, o «Commercio do Minho», encetou o seu 14.º anno, pelo que lhe enviamos um aperto de mão, desejando-lhe tudo que para nós desejamos, e para toda a imprensa catholica.

O ultimo correio dos Açores, trouxera-nos a tristissima noticia de se haverem aggravado os padecimentos que ha muito affligem o venerando Prelado de Angra, o Ex.^{mo} e Revd.^{mo} Sr. D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel.

No dia 15 de dezembro, foi S. Ex.^a Ry.^{mo} Viaticado, realisando-se este acto com a pompa devida, acompanhando o Santissimo o Revd.^{mo} Cabido, o Clero, irmandades e confrarias, Governador Civil, e tudo que ha de mais notavel na cidade e uma concorrencia enorme de povo.

E' indescriptivel o pesar que em todo o povo de Angra se manifestára, pesar que se ha-de ter estendido por toda a vasta Diocese, e por todo o reino, porque S. Ex.^a Revd.^{mo} é muito estimado por suas virtudes e saber.

Pedimos a todos os nossos leitores se lembrem em suas orações de tão bondoso Apostolo, para que Nosso Senhor lhe mande ainda alguns annos de vida para felicidade do rebanho que lhe está confiado, e nós, em nossas fracas e pobres orações não sessaremos de pedir ao Senhor para que em breve tenhamos de annunciar as melhoras de S. Ex.^a Revd.^{mo}

Foram pomposissimas as festas com que os seminaristas de Braga solemnizaram o anniversario natalicio do Ex.^{mo} e Revd.^{mo} Sr. Conego Vice-Reitor, e mais luziriam ainda essas festas se o luto pelo Sr. D. Fernando as não viesse um pouco empanar.

Dando os parabens, mais uma vez a S. Ex.^a Revd.^{mo}, saudamos o proceder digno da mocidade estudiosa do Seminario dos Apostolos.

Muito se festejou este anno em Guimarães o nascimento do Homem-Deus, com o que folgamos, porque esta daa

—25 de dezembro, não podia esquecer, nem passar desaperecebida.

E não passou, louvemos a Deus.

Na igreja dos Capuchos cantou-se missa á meia noite, e nas igrejas de S. Francisco e S. Domingos, ás 4 horas da manhã; quer-nos parecer que em todas as tres partes a grande instrumental, havendo sermão de manhã na 1.ª e de tarde na 2.ª, pelo nosso talentoso amigo Lopes Martins.

As Irmãs Hospitaleiras do Asylo de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, tambem quizeram ter na sua capella a missa chamada do Gallo, e tiveram-na, graças ao nosso venerando Prelado o Exc.º e Revd.º Sr. D. Antonio José de Freitas Honorato, que da melhor vontade concedeu a licença pedida.

Como todas as festas promovidas por estas benemeritas da caridade, não houve orchestra nem as vozes de afamados cantores. As alumnas da escola, presididas por uma irmã, substituíram tudo o que faltara alli—instrumentos e cantores. Era a innocencia que erguia canticos de louvor ao Deus Menino; eram as creanças, prestes a ser mulheres, que saudavam o nascimento d'Aquelle Deus, que as tornára mulheres, de escravas, que eram, antes que raiasse o sol da Graça. Sim, essas innocentes meninas saudavam a data gloriosa, que marcou duas epochas distinctas, que devidiu a liberdade da tyrannia, que separou os escravos dos homens livres, que fez passar para cá da cruz um povo de irmãs, deixando para lá um puñado de escravos e senhores.

Cantou a missa o nosso amigo Padre Abilio Augusto de Passos, parochio da Oliveira, a quem agradecemos não só o sacrificio de á meia noite cantar a missa, mas o de remover todas as difficuldades que se oppunham, por ter sua Revd.ºs prometido resar um terço de missas. Por este favor, que terá por recompensa as orações das virtuosissimas Hospitaleiras, a melhor recompensa, que para todos os sacrificios podemos desejar, nós seremos sempre grato ao nosso amigo, prometendo já-mais d'elle nos esquecermos.

Foram acolitos os Revd.ºs Padre Antonio de S. José e Padre Antonio Augusto Martins, e assistiram tambem os minoristas Srs. Domingos José da Silva, e José Mendes Salgado, que de bom grado a isso se prestaram, serviços que Nosso Senhor não deixará sem recompensa.

No fim da missa receberam o Pão Eucharistico todas as Irmãs Hospitaleiras, terminando tudo com a cerimonia da adoração, beijando o Menino

Jesus todas as Irmãs e pessoas presentes.

A esta singela mas tocante e importante festividade assistiram além de todas as Irmãs, e de algumas meninas da escola, os Asylados da Casa e algumas familias, previamente convidadas, e porque nós, com a nossa familia merecemos tal honra, beijamos mais uma vez reconhecido, o habito da benemerita Superiora d'aquella Casa, por nos dar occasião de assistir a uma festa que nos deixou as mais gratas recordações, como de certo aconteceu a todas as pessoas que a ella assistiram.

No dia 6 de janeiro fez-se tambem na parochial igreja de S. Sebastião a festa do Menino, a grande instrumental pela capella do nosso amigo o Sr. Lucinio Fernandes da Trindade, havendo sermão de tarde pelo Revd.º Padre Domingos Ribeiro Dias, illustrado sacerdote vimaranense, bem conhecido pelos seus trabalhos oratorios, que nós admiramos como amigo que somos de S. Revd.ºs

Havia-nos esquecido noticiar a festividade celebrada na igreja da Misericórdia, no dia 6 de novembro passado, em honra do Apostolo das Indias, S. Francisco Xavier. Constou de missa cantada e vespersas a vozes e órgão, Santissimo exposto todo o dia, e sermão pelo Revd.º Padre Antonio Joaquim Teixeira, chefe-collector da Obra da Propagação da Fé, n'esta cidade, que, patenteando as virtudes que tanto nobilitaram o Santo Apostolo, mostrou a conveniencia da Obra da Propagação da Fé, os serviços que tem prestado, e o muito que pôde concorrer para a civilisação dos povos barbaros.

O producto das esmolas, como se vê dos livros que o nosso amigo Padre Teixeira nos mostrou, durante o anno, incluindo 45500 reis do nosso bom amigo e respitalissimo sacerdote o Revd.º Frei Francisco da Ave Maria Queirós, com a obrigação de uma missa por sua intenção, foi de 2648760 reis.

Não faltarão as graças do Senhor a quem concorre para tão pia e civilisadora obra.

O documento que vae ler-se, e que por falta de espaço, não pôde ser publicado no passado n.º é uma prova assaz frisante do que as nossas possessões ultramarinas devem, o que podem esperar dos missionarios catholicos. É uma manifestação de reconhecimento que ao seu parochio fazem aquelles povos, costumados aos desprezos dos poderes publicos.

Folgamos com fazer esta publicação porque se refere a um padre catholico, não só, mas tambem porque

esse padre é um assignante do *Progresso Catholico* desde o seu principio, desde quando S. Rev.º era estudante do curso theologico. A este apostolo da verdade deve a Igreja e Portugal immensos serviços, os quaes avaliamos, pelos que lhe deve o *Centro da Propaganda Catholica em Portugal*.

Eis, pois, a manifestação :

Alguns parochianos da freguezia de N. S. da Graça, d'esta cidade, vem por este meio manifestar ao Exc.º e Reverendissimo Senhor Padre Firmino Lopes de Figueiredo, cura encarregado da mesma freguezia o quanto lhe são reconhecidos pela boa vontade e dedicacão com que activou os trabalhos que ultimamente tiveram logar na capella da Misericórdia, a ponto de em pouco mais de dois mezes os reparos que n'ella se fizera a collocarem na dignidade d'um templo o mais digno possivel de n'elle serem praticados os actos do culto christão.

É por estes exemplos serem tanto mais raros n'estas paragens é por isso que o nosso reconhecimento não pode ficar silencioso lhe damos este publico testemunho....

S. Thomé, 30 de Setembro de 1885.
(Assignados)

Manoel da Trindade Franca e Lagos—Vicente dos Remedios Cardoso—Zozimo José da Costa—Francisco de Alva—Elias d'Alva Texeira Junior—Nicolau Vaz d'Apresentação—Manoel Ferreira Jorge Netto—Cesar José Barreto—Manoel da Conceição dos Santos Gomes—Cosme José da Costa Pires—Carlos Ferreira Bettencourt—Joaquim Machado da Piedade.

Somos mais felizes que o nosso collega que escreva *Atravez os jornaes de dez reis*, porque elle não é capaz, por mais que busque, rebusque, respingue as nemerosas columnas, dos numerosos jornaes de dez reis, de mostrar uma noticia como a que nós acabamos de achar n'um jornal que não é de dez reis—«O Pombalense». É mais uma *tratantada* das muitas que o clero catholico pratica, e que, por isso, não cabe nas paginas dos jornaes de dez reis, porque esses não admitem *tratantadas* d'estas—tal é a sua seriedade, imparcialidade e amor pela verdade.

Eis a noticia, que reproduzimos com prazer :

«O digno prior de Fermentellos, snr. Padre José Dias Urbano, no dia 30 de Novembro, em que foi dia de Santo André, orago da sua freguezia, mandou ir os pobres á sua residencia pelas 8 horas da noite, e ali distribuiu equitativamente por elles mais de cincoenta alqueires de milho.

Acções d'estas nobilitam quem as pratica.»

Ahi fica a noticia que tem para nós, alem da sua propria importancia, uma outra de não menos valor: é o ser ella referente a um assignante e correspondente do «Progresso Catholico». Beijamos as mãos do nosso respeitavel amigo, e pedimos ao Senhor recompense tanta caridade.

Por toda a parte os mesmos atrulhos, os mesmos ataques á propriedade, o mesmo desprezo pelo direito.

Ha pouco mais de um mez que a Curia geral da Ordem franciscana, recebeu do Prefeito de Roma intimação para desocupar a historica torre de Paulo III, junto á egreja de Aracoeli, e que formava parte do convento que a revolução derruiu, para sobre as suas ruínas levantar um monumento a Victor Manuel.

A egreja e convento de Aracoeli foi dada á Ordem de S. Francisco pelo Summo Pontífice Innocencio IV, pela Bulla, *His, quae auctoritate nostra*, em 6 de junho de 1252.

Demolida a torre desaparecerem os restos d'esse venerando edificio, que, durante tantos seculos, foi a casa geral da Ordem seráfica, e onde se achavam tambem instalados o commissariado Apostolico de Hespanha, do Pera, e os Hospicio da Belgica e Terra Santa.

E as... n'vae tudo, cá e lá, porque o espirito revolucionario domina n'uma e n'outra parte.

E porque fallamos de franciscanos sempre diremos o que estes valorosos soldados da cruz fazem pela Mesopotamia, e o que tem feito n'aquella região.

Comprende a Prefeitura Apostolica dos Franciscanos Capuchinhos actualmente na Mesopotamia, cinco residencias de missionarios, tres estabelecimentos de religiosas, uma casa de orphãos, desesete escolas, quatro egrejas e nove capellas.

Contam-se em toda a missão 19 mil catholicos, com 8 Bispos, e 50 sacerdotes indigenas

Muito tem trabalhado os filhos do Pobre d'Assis em tão longinquas regiões, muito tem feito pela civilisação e pela liberdade os filhos da penitencia, os cavalleiros do cordão e do borel!

Dos nossos irmãos da Covilhã, incansaveis em promover o bem, em espalhar a luz, que ha desoito seculos principiou a brilhar no alto da cruz do Golgotha, recebemos a seguinte circular, que não podemos deixar de tornar conhecida de todos os leitores, juntando os nossos, aos pedidos da catholica commissão;

• Sr.

A *Associação Protectora dos Operarios* continúa nas aspirações com que foi installada.

A vida que custosamente sustenta, não lhe impede os bons desejos de beneficiar cada vez mais os socios, e por meio d'estes as proprias familias e os seus concidadãos.

Na leitura dos muitos livros e varias publicações que hostilizam as sublimes verdades e as santas praticas do Christianismo, a *Associação Protectora dos Operarios*, vê, não pequena porção de fel que traz cheios d'amargura os corações ainda animados por sangue patriótico e pelo interesse social.

E quem haverá que em suas reflexões maduras, não tenha em grande parte como producção da abominavel sementeira de depravados auctores e redactores d'obras e jornaes que, diariamente correm entre tantas mãos incautas, as ideias e scenas funtiores e subversivas, que tem feito a desgraça de innumeraveis individuos, de muitas familias, de diversos paizes. — e que vão collocando á beira d'um immenso abysmo o nosso querido Portugal?

Talvez ninguém.

E que espirito reflectido não quereirá contribuir para o antidoto de tamanho mal, que a nossa triste epocha sofre e lamenta?

Nenhum, certamente.

A benfazeja acção dos Catholicos, na proporção dos recursos de que dispõe, tem em algumas escolas particulares e n'outros institutos seus, procurado applicar remedio para a referida e gravissima ulcera que corroe a sociedade moderna e deixa antever a ruina das futuras sociedades que não se abrigarem ao benevolto influxo dos saos e civilisadores principios da doutrina christã.

No intuito de coadjuvar a salutar acção catholica, a *Associação Protectora dos Operarios*, intenta estabelecer uma bibliotheca, que francamente forneça a bebida d'aquelles principios consoladores: e eis ahi para que a commissão abaixo assignada, accetando o oneroso encargo, que a Exc.^{ma} Direcção da *Associação* lhe delegou, vem implorar o caritativo auxilio de V. e das pessoas das suas relações.

Um livro qualquer (mesmo antigo e usado) adquado ao fim proposto; ou dinheiro, que ajude a compra de bons livros é o que respeitavelmente se pede.

Confiamos que não será sem feliz effeito esta humilde supplica, e por isso os nossos mui sinceros agradecimentos.

Pague Deus com muitos merecimentos para o Céu a coadjuvação que esperamos de V. e dos seus amigos.

As generosas dadas, que se dignarem offerecer, devem ser entregues

n'esta cidade, aos snrs. Luiz Antonio de Carvalho, José Antonio Freire, Claudino Dias Agostinho Rosa; — Em Lisboa, aos snrs. Joaquim Antonio Pacheco, Calçada do Carmo, n.º 6, 1.º andar, João Antonio de Carvalho, Travessa da Bella Vista (á Lapa), 20, 1.º; — No Porto, aos snrs. Manoel Malheiros, rua da Picaria n.º 97, Pimentel Silva & Comp.^a rua de D. Pedro, n.º 140; — Em Coimbra, ao sr. José Joaquim dos Reis Leitão, rua do Norte, n.º 6; — Em Braga, ao sr. Bernardino J. de Senna Freitas, Campo dos Remedios, n.º 4 c; — Em Guimarães, ao sr. Teixeira de Freitas, rua de S. Damaso.

Covilhã, 9 de Dezembro de 1885.

A COMMISSÃO.

Padre João Rodrigues d'Oliveira Grainha, Padre Francisco M. Rodrigues d'Oliveira Grainha, José Mendes Agada de Paiva, José Thomaz Mendes Megre Restier, José Nunes Mousaco, Anselmo Maria Urbano de Saupaió, José Rodrigues Rogueiro, Luiz Antonio de Carvalho, José Antonio Freire, João Pereira Presunto.»

De bom grado recebemos qualquer dadiya, que enviaremos ao seu destino.

Tambem por lá, por terras onde impera o *herdeiro* da Egreja se faz o que em Portugal se desfaz. Na Italia fundam-se conventos, como nos diz a noticia que vamos reproduzir, para que se saiba n'este *jardim á beira mar plantado*, que o liberalismo mais accentuado contra a Egreja não tem receio de que os frades e as freiras, com o seu psalmejar, com o seu habito e com o seu rosario, lhe lancem por terra as instituições.

Ora leiam:

• Em Acireale (Peninsula Italiana) foi ha pouco fundada uma casa monastica de Frades Dominicanos ou da Ordem de S. Domingos; foi fundador o rev.º Frei F. G. Lombardo, e ha pouco houve lá uma nova profissão, feita por novo aggregado áquelle mosteiro, realisada com a maior publicidade e com a assistencia da gente ainda a mais conspicua da terra, e sem que authoridade alguma local do governo italiano oppozesse obstaculo algum, d'aquelles que certas authoridades buscam com abuso de authoridade.»

A'vista d'isto, não sei qual é o medo d'esta *gente fidelissima!*

J. de Freitas.